

APORTES LEXICAIS AFRICANOS NOS FALARES DA CHAPADA DIAMANTINA/BA

Maria Eunice Rosa de Jesus¹

Resumo: O contato da língua portuguesa além-mar com as línguas negroafricanas tem seu início no período colonial. A língua do colonizador concorreu com as línguas africanas de diferentes grupos étnicos trazidos para o Brasil entre os séculos XVI e XIX para o trabalho cativo nas mais diversas atividades como o corte e beneficiamento da cana-de-açúcar, a mineração, o serviço doméstico. Vale ressaltar ainda que os africanos escravizados passaram a servir não só nos engenhos e na exploração do ouro, como também na casa-grande, onde se destacava o desempenho das mulheres na condição de ama-de-leite, cozinheira, mucamas e as pretas-velhas que exerciam o ofício de parteiras e contadoras de histórias. Deste contato começa o português falado, aqui no Brasil, a se diferenciar do português de Portugal, pois a língua portuguesa na modalidade brasileira absorve uma infinidade de vocábulos e expressões idiomáticas das línguas negroafricanas. Neste sentido, o léxico de uma língua precisa ser entendido como o conjunto de unidades linguísticas e extralinguísticas que representa a realidade de uma comunidade de falantes. Isso posto, tenho como objetivo apresentar o corpus lexical da pesquisa de mestrado que desenvolvi em comunidades negras rurais localizadas em Seabra e Boninal, na Chapada Diamantina – Bahia.

Palavras-chave: Línguas africanas. Português brasileiro. Falares da Chapada. Comunidades negras rurais

O contato da língua portuguesa além-mar com as línguas africanas tem seu início no período colonial. A língua do colonizador concorreu com as línguas africanas de diferentes grupos étnicos trazidos para o Brasil entre os séculos XVI e XIX para o trabalho cativo nas mais diversas atividades como o corte e beneficiamento da cana-de-açúcar, a mineração, o serviço doméstico. Enfim, todo e qualquer trabalho braçal executado pelos negros escravizados.

Diante da necessidade de agrupar uma quantidade considerável de negros nas fazendas, ou seja, nas senzalas, houve uma certa precaução dos senhores em **misturar** os escravos pertencentes a grupos lingüísticos diversos e através da diversidade étnica e lingüística impedir que eles se entendessem. Dessa forma,

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade – UNEB. Doutoranda em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação PPGEduc – UNEB. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS V, Santo Antônio de Jesus, Bahia. Pesquisadora do Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Língua e Culturas – NGEALC.

buscavam mantê-los submissos e os forçavam a aprender uma nova língua, a língua portuguesa. O que os senhores não sabiam era que mesmo falando línguas, aparentemente diferentes, elas pertenciam ao mesmo tronco lingüístico, isto é, eram línguas aparentadas. Esse fato favoreceu o desenvolvimento de um dialeto próprio – **o dialeto das senzalas** – necessário à uma comunicação ente seus irmãos de cor, e, entre eles e seus senhores.

Essa inserção natural dos traços lingüísticos dos povos negroafricanos, com a língua do colonizador é objeto de interesse de muitos pesquisadores, merecendo relevância os estudos da pesquisadora Yeda Pessoa de Castro que, a partir de suas pesquisas fundamentada na Etnolingüística, começa a tratar desta questão não mais como um **empréstimo** de vocábulos e, sim, como **aportes**, pois a presença das línguas negroafricanas se faz tão presente nos mais diferentes falares brasileiros que não se pode mais negligenciar a participação desses povos na formação sociocultural do povo brasileiro.

A língua passa a ser, portanto, um importante mecanismo de poder e é utilizada pelo colonizador para impor domínio. Além disso, é, também, reflexo da luta, da resistência dos nossos antepassados que reiventaram o seu idioma aqui no Brasil e reconstruíram a sua identidade, configurando a língua portuguesa na modalidade brasileira. Todavia, “a legibilidade das línguas negroafricanas como componente importante no processo de formação do português brasileiro continua sendo negado graças ao verniz etnocêntrico imposto pelas diretrizes da educação formal deste país” (PESSOA DE CASTRO, 2001b, p.64).

Como afirma Pessoa de Castro (2005, p.04), explicar o avanço do componente lingüístico africano nesse processo é ter em conta a participação do negroafricano como personagem falante no desenrolar dos acontecimentos e procurar entender os fatos relevantes de ordem sócio-econômica e de natureza lingüística que, ao longo de quatro séculos consecutivos, favoreceram a interferência de línguas negro-africanas no Português do Brasil. Isso se fez sentir em todos os setores, léxico, semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada.

Nesse processo, a colônia brasileira ganhou um novo elemento desde os princípios do século XVI, quando, em escala cada vez mais crescente, se desenvolveu o tráfico de negros africanos trazidos para o Brasil como escravos, onde se distribuía pelos grandes latifúndios e pelos centros urbanos. Negros das mais variadas procedências, pois era política colonial dos senhores de engenhos e dos grandes escravocratas diversifica-los com as mais diferentes origens, para dificultar sua unidade. Havia, portanto diferentes grupos étnicos, originários de duas regiões da África subsaariana: a região banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oeste-africana ou “sudanesa”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria. A esse respeito escreve Pessoa de Castro:

Dentre as muitas línguas negro-africanas faladas no Brasil, destacam-se o grupo banto muito semelhantes entre si e faladas em 21 países africanos. O quicongo é falado na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no norte de Angola. O quimbundo é a língua da região central de Angola e o umbundo é falado no sul de Angola e em Zâmbia. Já as línguas oeste-africanas, chamadas de “sudanesas”, as mais importantes foram as línguas da família kwa, faladas no Golfo de Benim. Seus principais representantes aqui no Brasil foram os iorubás e os povos de línguas do grupo ewe-fon, apelidados pelo tráfico de minas ou jejes (PESSOA DE CASTO, 2005, p.03).

Toda essa diversidade étnica e cultural não podia deixar de se refletir na realidade lingüística, criando um cenário complexo e pluricultural, no que se refere às contribuições negroafricanas na formação do português em sua modalidade brasileira. A confirmação de tais contribuições são asseguradas através dos usos, costumes e crenças do negro-africano importado pelo tráfico e também pelos afrobrasileiros em um contato de mais de trezentos anos entre Brasil e África. Os aportes de línguas negroafricanas enriqueceram o vocabulário brasileiro por uma corrente contínua de seus falantes que trabalhavam nas lavouras, nos engenhos, na casa-grande como amas – de – leite e cozinheiras, alimentando não só o colonizador e seus descendentes, como também, o idioma falado por todos os habitantes desta terra chamada Brasil.

Os africanos, quando aqui, no Brasil, na condição de escravos, foram “forçados” a aprender a língua do colonizador. Com isso, acabaram modificando o idioma oficial dessa nova terra, para se comunicar com os seus senhores e com os seus irmãos que aqui já viviam também na condição de escravo. Assim sendo, o português aprendido em situações sociais extremamente precárias, ou seja, num dialeto das senzalas, passa a ser a língua de intercuro entre escravos das mais diversas etnias, capatazes, senhores, constituindo o principal modelo para a nativização do idioma português entre os descendentes desses povos, sejam os provenientes da relação entre escravos, como também os oriundos do contato entre o colonizador branco com as mulheres escravas ou indígenas. Desse modo, nos três primeiros séculos da história do Brasil, existem situações potencialmente muito favoráveis à ocorrência de processos de mudanças da língua falada, a partir de um modelo “irregular” de Português, adquirido como segunda língua pelos escravos, constituindo, assim, uma característica comum nas linguagens populares do português brasileiro.

Merece destacar também a participação dos africanos, especialmente, do grupo banto, ewe-fon e iorubá na formação do perfil da cultura e da língua característica do Brasil. A culinária afrobrasileira tem o abará, o acarajé e o vatapá, o azeite-de-dendê e a moqueca. O candomblé tem as palavras orixá, Exu, Oxóssi, Iansã e Oxalá. O quimbundo, uma das línguas faladas em Angola, doou ao Português do Brasil palavras do vocabulário familiar, como calunga, caçula, cafuné, molambo e moleque. Termos que expressavam o modo de vida e as danças dos escravos, como senzala, maxixe, capoeira e samba, também se incorporaram ao nosso léxico.

Com o estabelecimento dos povos africanos em regiões cada vez mais abrangentes do território brasileiro, a língua portuguesa, na modalidade falada por esses contingentes de trabalhadores braçais, vai se impondo sobre a chamada língua geral de base tupi. Deve-se destacar, também, que muitos escravos, principalmente os seus descendentes crioulos e mestiços foram deslocados do Nordeste para o Sudeste. Com o declínio da cultura do açúcar, os senhores de

engenho foram obrigados a vendê-los para os exploradores das minas; e estes, por sua vez, com o esgotamento das jazidas de ouro e diamantes, venderam esses negros novamente para as emergentes plantações de café no interior paulista.

Pode-se, assim, perceber, neste imenso processo de ocupação geográfica que determinou a unidade lingüística do Brasil, o papel crucial que desempenhou o aprendizado precário do Português pelos escravos africanos que foram obrigados a adquirir o Português como segunda língua e como língua materna para os seus descendentes crioulos e mestiços na antiga colônia brasileira.

Vale lembrar que, até o final do século XIX, a falta de estudos sobre a participação dos africanos na formação lingüística e cultural da sociedade brasileira estava atrelada a dois motivos: a falta de material de pesquisa, pois muitos dos documentos sobre o regime escravocrata foram queimados, bem como o desinteresse dos estudiosos da época em discutir esta temática e, quando tratavam dela, referiam-se aos escravos sobre o ponto de vista econômico, ou seja, tratava-os apenas como mercadorias.

Sônia Queiroz, em seu livro *Pé Preto no Barro Branco: a Língua dos Negros da Tabatinga* (1998) aponta para uma realidade que começa a mudar após a publicação do livro *A Escravidão no Brasil*, do pesquisador Perdigão Malheiro, publicado em 1867, pois esta obra traz a discussão do negro não mais como máquina econômica e, sim, como objeto de ciência, encontrando em Sílvio Romero um dos seus principais defensores. É, no entanto, o estudioso Nina Rodrigues o principal pesquisador deste período, que vai inaugurar os estudos de cunho científico sobre a escravidão, o tráfico negreiro, os grupos étnicos e lingüísticos, os costumes e as religiões dos negros-africanos trazidos para o Brasil no período de mais de três séculos. Sobre o tema aqui discutido, Yeda Pessoa de Castro, no livro *Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro* complementa:

Diante da predominância numérica e conseqüente influência de oeste-africanos, notadamente iorubafones, entre aqueles africanos de diferentes etnias, ainda vivos, na cidade do Salvador – segundo ele, 2000 em 1890, mas reduzidos a 500 em 1903 -, Rodrigues

concentrou suas pesquisas nesses povos e minimizou a presença banto ao confessar seu desinteresse em estendê-la. Preocupado em documentar um vocabulário (uma centena de palavras) de cinco línguas da África Ocidental (tapa, grunce, fulani, haucá, jeje-mahi), de que ainda se lembrava alguns de seus representantes naquela cidade, não chegou a fazer o mesmo com a maioria ali falante de iorubá, nem para o que denominou de “dialeto nagô” (PESSOA DE CASTRO, 2001b, p 51).

Nas palavras de Pessoa de Castro, o interesse do pesquisador pelos estudos dos iorubás falantes em detrimento das demais etnias que viviam aqui na Bahia está diretamente atrelado ao prestígio da escrita de que gozavam esses povos na sociedade baiana da época. Assim, em sua obra há uma predominância de termos em iorubá associados ao candomblé nagô-queto da Bahia, cujas práticas litúrgicas se valem de um repertório lingüístico de larga procedência africana, mais aparentemente de base iorubá.

Diante do exposto, é inegável a importância que esses estudos sobre os povos africanos tiveram para a constituição do Brasil como nação. Contudo, nota-se nas pesquisas e publicações deste estudioso baiano um certo privilégio à cultura dos iorubás, especialmente no âmbito da religião, em detrimento das outras culturas negroafricanas que também participaram da formação de uma sociedade essencialmente brasileira. Mesmo assim, não se pode tirar o mérito deste trabalho que nas palavras de Pessoa de Castro, releva:

Descontadas as teorias rácio-biológicas que eram vigentes em sua época, hoje completamente superadas, Os Africanos no Brasil é da maior importância para a historiografia brasileira pelos elementos etnográficos que contém e como precursor dos estudos africanistas no Brasil (PESSOA DE CASTRO, 2001b, p. 52).

Nas décadas seguintes e, em especial no início do século XX, muitos trabalhos surgiram sobre a temática, tendo desenvolvido, sobretudo, os estudos sobre as culturas e as religiões afrobrasileiras. Dentre os principais pesquisadores, podemos citar Roger Bastite, Pierre Verger, Florestan Fernandes, Gilberto Freire. No tocante aos estudos lingüísticos, os trabalhos que tratam da participação de línguas negroafricanas no Português brasileiro tinham como objetivo maior determinar até

que ponto os negros influenciaram, ou melhor, foram responsáveis pelo distanciamento lingüístico entre o Português de Portugal e o Português do Brasil.

Nesse momento, segundo Careno (1997, p.54) há um movimento de afirmação de uma língua brasileira. Com isso, Jacques Raimundo em seu livro, *O Elemento Afro–Negro na Língua Portuguesa* e Renato Mendonça em seu livro, *A Influência Africana no Português do Brasil*, publicados pela primeira vez em 1933, chegam a atribuir à influência das línguas africanas a motivação de todas as características que distinguem o Português Brasileiro do Português Europeu.

Mais recentemente, destacam-se os trabalhos da pesquisadora Yeda Pessoa de Castro, que reinaugura o tema com a defesa de sua tese de doutoramento em 1976, na Universidade do Zaire, *De l'Intégration des Apports Africaines dans les Parlers de Bahia au Brésil*. Na primeira década do século XXI publica os livros intitulados *Falares Africanos na Bahia e A Língua Mina-Jeje no Brasil*, considerados como os trabalhos de pesquisa mais completos e detalhados da contemporaneidade sobre a participação dos negros africanos na formação da língua portuguesa falada no Brasil.

Estima-se que uma infinidade de palavras de origem africana ingressou no léxico da língua portuguesa, principalmente através da modalidade brasileira. Neste sentido, o léxico de uma língua precisa ser entendido como o conjunto de unidades linguísticas e extralinguísticas que representa a realidade de uma comunidade de falantes. Isso posto, tenho como objetivo relacionar em categorias o corpus lexical da pesquisa que desenvolvi em comunidades negras da Chapada Diamantina.

A relação dos vocábulos oriundos das línguas africanas que, até agora, foram, por mim, identificados na região, incluídos em um conjunto nomeado como Falares da Chapada Diamantina registrados e agrupados de acordo com as seguintes categorias: topônimos, brincadeira, culinária; sexualidade e outras, apresentadas no quadro abaixo.

QUADRO – 01: CATEGORIA TOPÔNIMOS

LEXEMAS ENCONTRADOS	SIGNIFICADOS REGISTRADOS	PRODUTIVIDADE
MULUNGU	Denominação de uma comunidade negra no município de Boninal/BA e de um município baiano, pertencente a Chapada Diamantina. Nome de uma árvore muito conhecida na região	Mulungu-de-Boninal; Mulungu-do-Morro; Mulungu-dos-Pires; Mulungu-do-Zabelê.
MOCAMBO	Denominação de comunidades negras, localizadas nos municípios de Mucugê e Boninal/BA.	Mocambo-de-Santana; Mocambo-dos-Pretos.
MACAMBA	Denominação de uma comunidade negra do município de Boninal/BA”.	Lagoa-do-Macamba.
MANDU	Denominação de uma comunidade negra do município de Seabra/BA”.	Mandu + zinho = manduzinho Olhos D’Água do Manduzinho.

QUADRO 02 - CATEGORIA BRINCADEIRA

LEXEMAS	SIGNIFICADOS	PRODUTIVIDADE
---------	--------------	---------------

ENCONTRADOS	REGISTRADOS	
SAMBA	Espécie de dança praticada logo após os cânticos de louvor ao nascimento do Menino Jesus.	Samba-de-roda; samba-de-atropelo
BACONDÊ	Brincadeira de esconde-esconde.	
MARIMBONDO	Inseto encontrado nas roças que têm uma ferroadada dolorida; espécie de dança do reisado do Mulungu de Boninal em que o indivíduo vai para o centro da roda e encena um ataque do inseto.	Dança-do-marimbondo
QUILOMBO / QUILOMBAGEM	Esconderijo dos negros, local onde os negros moravam na época da escravidão. Quilombada: espécie de dança que os negros praticavam depois do açoite na comunidade de Serra Negra no município de Palmeira/ Ba; dança da liberdade.	Quilombo + ada = quilombada.

QUADRO 3 – CATEGORIA CULUNÁRIA

LEXEMAS ENCONTRADOS	SIGNIFICADOS REGISTRADOS	PRODUTIVIDADE
MALAMBA	Guisado de farinha de milho com galinha desfiada.	
QUENGA	Guisado de farinha de milho e galinha desfiada” ; “prostituta, mulher fácil”.	

ANGU	Pirão consistente, feito com farinha de milho para acompanhar a malamba.	
QUIBEBE	Guisado feito com banana d'água verde e carne-do-sol, também denominado de godó-de-banana.	Quibebe-de-banana.

QUADRO 4. SEXUALIDADE

LEXEMAS ENCONTRADOS	SIGNIFICADOS REGISTRADOS	PRODUTIVIDADE
XIBUNGO	Viado	
XIBIU	“Denominação de um diamante bem pequeno” ; “ órgão sexual feminino.	

QUADRO 5 - CATEGORIAS OUTRAS

LEXEMAS ENCONTRADOS	SIGNIFICADOS REGISTRADOS	PRODUTIVIDADE
MALUNGO	Amigo companheiro	
MUTAMBA	Espécie de árvore encontrada na região de Lençóis/ BA, utilizada como planta medicinal para doença respiratória e a casca como tônico capilar; nome de uma banda musical do município de Seabra/BA.	
INDAGA / IDACA	Incômodo, abuso	
BOCAPIU	Sacola retangular feita de palha muito	

	utilizada para o transporte de alimentos comprados na feira-livre.	
MOCÓ	Sacola retangular feita de palha, utilizada para transportar alimentos comprados na feira-livre.	
QUIÇAÇA	Cair na manga, no pasto.	
FUÁ	Folia, algazarra, confusão.	
CAPANGA	Bolsa pequena utilizada pelos capangueiros para colocar os diamantes.	Capanga + eiro = capangueiro

Os vocábulos abaixo relacionados e registrados nos Falares da Chapada Diamantina ainda não mereceram registros na bibliografia consultada sobre aportes africanos no Português do Brasil. Nos grandes dicionários da Língua Portuguesa, uns não mereceram verbetes e outros, como por exemplo, ganga está dicionarizado, mas, no entanto, não traz a marca do significado corrente nos falares da região. Sendo assim, esperamos contribuir para alargar e enriquecer o vocabulário da Língua Portuguesa como um todo, particularmente, o Português do Brasil.

LEXEMAS NÃO DICIONÁRIZADOS	SIGNIFICADOS REGISTRADOS	PRODUTIVIDADE
TIZANGUE	Tipo de balanço – brincadeira de criança, registrada na memória dos depoentes mais velhos.	
	Jogo praticado com cinco pedras bem pequenas ou sementes de	

GIRIBITÁ	árvores, conhecido aqui no Recôncavo Baiano como capitão.	
QUILEMBE	Guisado de farinha de milho com galinha desfiada, atualmente conhecida/denominada de malamba.	
TIXÉ	Órgão sexual feminino.	
GANGA	Brincadeira de criança, tipo amarelinha, registrada na memória dos depoentes mais velhos.	

É importante ter em mente que o português na modalidade brasileira é o resultado da influência das diversas etnias responsáveis pela formação do Brasil e das suas respectivas línguas, ou seja, das línguas africanas, indígenas e da portuguesa. Sobre esse assunto, relata Pessoa de Castro:

No que pese a evidência do impacto da herança africana e a sua exploração em vários meios, o avanço do componente negro-africano na modelação do perfil da cultura nacional e da língua falada no Brasil, que não são acontecimentos isolados nesse processo, continua sendo sublimar, graças ao verniz eurocêntrico que lhe é imposto por uma sociedade que alimenta um ensino conservador, onde as civilizações européias são privilegiadas em detrimento das necessidades geradas pela vida associativa externa e dos anseios da comunidade que o cerca. Uma correta interpretação das culturas negro-africanas, de seus códigos, seu conseqüente resgate do âmbito meramente folclórico ou lúdico, sua valorização e adequada difusão, permitirão que seu avanço, além de subliminar, passe a ser explícito e visível no Brasil (PESSOA DE CASTRO, 2001a, p85).

Diante desse acontecimento cheguei a seguinte constatação: algumas palavras de origem africana são conhecidas apenas pelos moradores mais velhos, como *quiçaça*; *quilembre*, *quibebe*, *malineza*, *arrebacão*. Outras, como *bacondê* e *fuá*, que são do conhecimento de muitos moradores, mas foram substituídas pelos seus significados em português, isto é, esconde-esconde e confusão, algazarra,

principalmente pelas gerações mais novas. As demais, que são comumente utilizadas por todos os moradores das mais diferentes localidades, quando, assim, incorporadas nos falares locais.

Podemos perceber que o valor social da língua resulta do ambiente político e econômico ao qual ela atende; em particular, nas relações de poder, representa um ato político do falante. A imposição de uma variante escolarizada não significa que ela será de fato aprendida, como se pretende. Muitas vezes, em confronto, são geradas formas de resistência. Kátia Mota assegura que:

Nesse encaminhamento, a linguagem, mais especificamente o discurso, assume uma posição altamente privilegiada considerando que as práticas de representações são fundamentadas através da manifestação lingüística: o que se fala e o que se ouve expressa o que se reproduz ideologicamente – a concretização dos valores sociais que constituem significados circulantes nos ambientes culturais e promotores de processos de ‘inculcação’ de identidades. O discurso passa, então, a ser visto como produto do conhecimento através da linguagem quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado e modelado em práticas sociais (MOTA, 2005, p. 03)

REFERÊNCIAS

- CARENO, Mary Francisca do. *Vale do Ribeira: A Voz e a Vez das Comunidades Negras*. São Paulo: Arte & Ciência/ UNIP, 1997.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CASTILHO A de. **O português no Brasil**. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico*. Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 14 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CUNHA-HENCKEL, Rosa. **Tráfico de Palavras: africanismos de origem banto na obra de José Lins do Rego**. Recife: Massangana, 2005.

- FERREIRA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 13 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MENDONÇA, Renato. **A Influência Africana no Português do Brasil**. 4.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ INL, 1973
- MOTA, Kátia. “ **A linguagem da vida, a linguagem da escola: inclusão ou exclusão? Uma breve reflexão lingüística para não lingüistas**“. *Educação e Contemporaneidade – Revista da FAEEBA*, Salvador: UNEB, vol: 11/n. 17, jan/jun 2002, p. 13-26.
- _____. **Letramento e construção de identidade culturais**. In XVII EPENN, Belém, junho de 2005 / texto completo em Anais CDrom, p 01-09.
- PESSOA DE CASTRO. Línguas Africanas e Realidade Brasileira. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v.10.n.15, p.83-91. jan./ jun., 2001a.
- _____. **Falares africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora, 2001b
- _____. **A diversidade das línguas africanas e as relações lingüísticas Brasil-África**. Salvador: UNEB (Seminário Atlântico Sul), 2003.
- _____. **Participação de falantes africanos na história do Português do Brasil**. Palestra realizada no VI Congresso de Lusitanistas Alemães em Zeipzig – Alemanha, Setembro/ 2005.
- QUEIROZ, Sonia. **Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga**. Belo Horizonte: UFMG Ed., 1998.
- SILVA, Nilce da. **Pluralidade cultural, migração e o ensino da língua portuguesa no ensino fundamental**. - *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v.12.n.19, p.173-180. jan./ jun., 2003.
- SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.